

ESTRUTURA E DINÂMICA DO MERCADO DE GOIABA E DERIVADOS¹

Celso Luis Rodrigues Vegro²

Mauro Costa Miranda³

1 - INTRODUÇÃO

O Comitê de Agroindústria da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA) do Estado de São Paulo constitui o foro oficial de negociações entre representantes de agricultores e indústrias alimentícias do Estado. Cumpre o papel de mediar conflitos, estabelecer acordos de preços e condições de pagamento, discutir estratégias de ação conjunta e normas de classificação e padronização dos produtos e matérias-primas, entre outras atribuições.

O conhecimento da estrutura e da dinâmica do mercado de goiaba e derivados torna-se imprescindível ao bom andamento das negociações do Comitê de Agroindústria e eficiente na tomada de decisões por parte dos agentes econômicos que compõem o segmento.

Verifica-se a escassez de análises econômicas recentes que possam suprir as necessidades de informação do Comitê de Agroindústria. Os estudos mais recentes foram desenvolvidos por MAIA; GARCIA; LEITE (1988) e AMARO (1986), trazendo informações sobre a evolução da produção, dos preços praticados e das exportações do setor, porém com dados apenas até 1985.

O objetivo deste artigo é oferecer aos agentes econômicos envolvidos uma análise recente da estrutura e da dinâmica do mercado de goiaba e derivados, visando supri-los, em parte, das informações

necessárias para seu processo de planejamento estratégico e tomada de decisão.

2 - MATERIAL E MÉTODO

As análises de mercado serão distinguidas entre a goiaba para consumo *in natura* e a goiaba para o processamento industrial.

A área de abrangência compreendida por este estudo é o Estado de São Paulo. Dados de outras regiões brasileiras serão apresentados para efeito comparativo.

As fontes de dados foram a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) em colaboração com o Instituto de Economia Agrícola (IEA), ambos da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), a Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP)⁴ e a Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (CACEX/DECEX). Outros dados foram obtidos do Comitê de Agroindústria da SAA e da Companhia União de Produtores de Açúcar e Alcool (UNIÃO). Consultou-se, também, a bibliografia existente, que se mostrou escassa.

O Índice de Preços Pagos pelo Produtor (IPP) do IEA foi utilizado para a correção dos preços recebidos pelo agricultor; o Índice de Preços ao Con-

¹ Parte integrante do projeto de pesquisa SPTC 16-012/94. Recebido em 28/06/94. Liberado para publicação em 05/08/94.

² Engenheiro Agrônomo, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³ Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

⁴ Para o ano de 1993, face a não publicação do Boletim Anual, optou-se pelo cálculo da média simples a partir do Boletim Mensal (meses disponíveis), tomando-se, então, o valor obtido como preço médio para o ano.

sumidor (IPC) da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), para os preços da goiabada no varejo; e o Índice Geral de Preços (IGP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), para os preços do açúcar cristal.

Procedimentos de análise tabular e estatística foram aplicados aos dados primários obtidos, possibilitando maior rigor na evolução das quantidades e preços observados. Para o cálculo da taxa de crescimento dos preços utilizou-se de procedimento descrito por NEGRI NETO; COELHO; MOREIRA (1993 e 1994). Adotou-se o nível de significância de 10% para as análises estatísticas efetuadas.

A razão de equivalência foi definida e calculada como sendo a quantidade de goiaba para processamento industrial (pelo preço recebido pelo produtor, FOB-roça) necessária para aquisição de uma lata de goiabada no varejo.

Quanto aos preços da goiaba para processamento industrial, acordados no foro do Comitê da Agroindústria, utilizaram-se correções para as variações do prazo de pagamento e para os meses da safra. A correção pelo prazo de pagamento foi feita pela parcela da inflação do mês em questão em função do número de dias médio entre a entrega do produto e o recebimento do pagamento. O preço de cada mês da safra foi, então, deflacionado pelo IPP-IEA. O preço médio da safra é dado pela ponderação de 10% do preço em janeiro, 50% do preço em fevereiro e 40% do preço em março, já deflacionados.

3 - ESTRUTURA E DINÂMICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA BRASILEIRA

A produção brasileira de goiaba alcançou 1,4 bilhão de frutos em 1992, apresentando crescimento de 20% em relação a 1988 (PESQUISA, 1988-92), que pode ser explicado pelo aumento da área cultivada entre 1988-90 associado ao aumento do rendimento verificado entre 1990 e 1992 (Tabela 1). A informação, todavia, não distingue o tipo de goiaba produzida (para mesa ou para processamento) o que impede comparações com outras fontes.

São Paulo e Pernambuco destacam-se na produção nacional, representando 44% e 40%, respectivamente, do total produzido. Contudo, enquanto a produção paulista apresenta estabilidade, a pernambucana cresce ao longo do período analisado.

bucana cresce ao longo do período analisado.

4 - ESTRUTURA E DINÂMICA DA PRODUÇÃO PAULISTA

A seguir serão apresentadas as principais estatísticas e informações complementares da produção e do processamento de goiaba, com ênfase para o Estado de São Paulo.

4.1 - Agrícola

A análise da estrutura de produção da goiaba no Estado de São Paulo revela que os estabelecimentos de área total menor que 50 hectares são responsáveis por praticamente metade da produção (49%). As classes de área total de 50 a 100 hectares, de 100 a 200 hectares, de 200 a 500 hectares e maiores de 500 hectares participam com, respectivamente, 17%, 11%, 12% e 11%, dos 51% restantes da produção de goiaba (CENSO, 1985). Os dados não diferenciam goiaba para consumo *in natura* da goiaba produzida para o processamento industrial, diferentes quanto às características do fruto e do sistema de cultivo (Figura 1).

A distribuição por classe de área total pode ser parcialmente explicada por tratar-se de cultivo intensivo em mão-de-obra, selecionando os pequenos produtores na produção do fruto (Figura 1).

A produção de goiaba para consumo *in natura* localiza-se principalmente no município de Mirandópolis, extremo noroeste do Estado de São Paulo, enquanto a produção de goiaba para processamento industrial é concentrada na Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Ribeirão Preto, destacando-se os municípios de Itápolis, Monte Alto, Taquaritinga e circunvizinhos (Figura 2).

Os dados do IEA permitem diferenciar a produção e o número de pés de goiaba segundo o destino da produção (INSTITUTO, 1970-93).

Quanto à goiaba para processamento industrial, observa-se relativa estagnação do número de pés novos e em produção e da quantidade produzida. O número de pés novos oscila em torno dos 100 mil, o de pés em produção em 550 mil, enquanto a quantidade produzida (volume colhido) ao redor de 40 mil

TABELA 1 - Produção de Goiaba, Brasil, 1988-92

Estado	(em milhão de frutos)				
	1988	1989	1990	1991	1992
São Paulo	526	535	543	477	626
Pernambuco	470	502	531	593	567
Paraíba	103	105	99	108	99
Outros	164	201	204	226	221
Brasil	1.160	1.239	1.279	1.297	1.415

Fonte: PESQUISA AGRÍCOLA MUNICIPAL (1988-92).

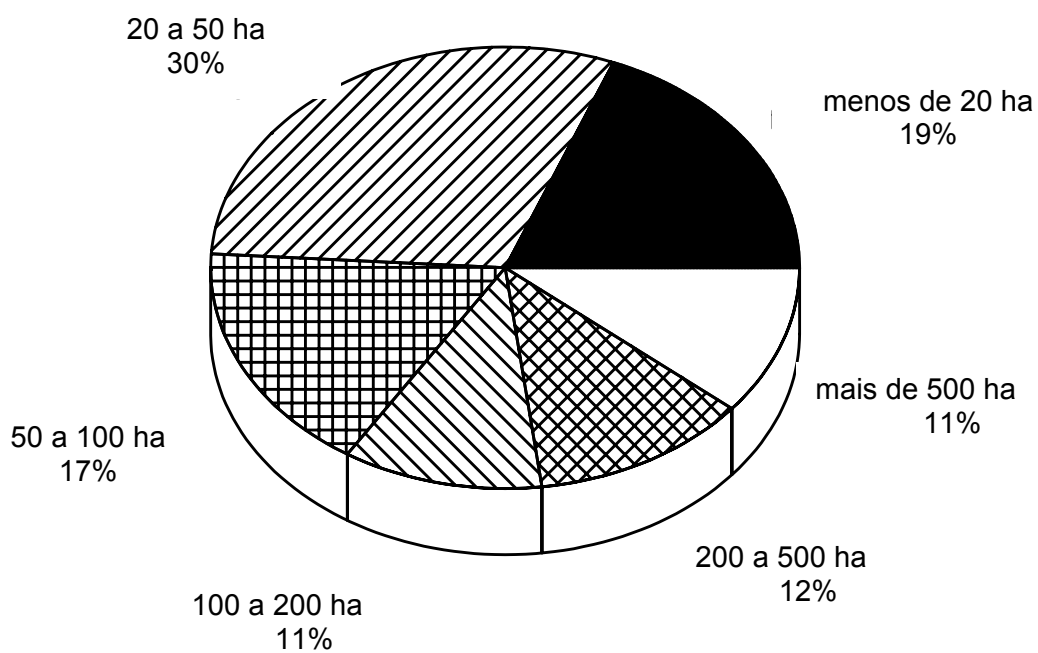


FIGURA 1 - Produção de Goiaba em São Paulo, por Classe de Área Total, 1988.

Fonte: CENSO AGROPECUÁRIO, 1985 (1985).



FIGURA 2 - Principais Municípios Paulistas Produtores de Goiaba para Consumo *in Natura* e de Goiaba para Processamento Industrial, 1992/93.

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (1970-93).

toneladas. Verifica-se queda do rendimento da cultura na primeira metade da década de 80, seguida de estabilidade, a partir de então, em torno de 72 kg/pé (Tabela 2).

Quanto à goiaba para consumo *in natura*, observa-se um crescimento da produção durante a década de 80 e uma estabilização na década de 90. A produção cresceu, na primeira metade da década de 80, principalmente devido ao aumento de 60% do número de pés em produção, enquanto, na segunda metade, tanto em decorrência do aumento de 77% do número de pés em produção quanto do aumento de 252% do rendimento da cultura. Nas primeiras três safras da década de 90 ocorre um movimento inverso, decresce a produção principalmente devido ao decréscimo do rendimento da cultura (Tabela 3).

Explica-se o aumento do rendimento na segunda metade da década de 80 pela introdução do cultivo de novas variedades (paloma e rica), associadas a novas técnicas de poda e irrigação, estendendo o período de colheita a todos os meses do ano e ofertando o fruto nos períodos de safra e entressafra. O decréscimo do rendimento no início da década de 90 pode estar associado à recessão geral da economia brasileira durante a gestão do presidente Collor de Mello, restringindo o consumo da população e desestimulando os gastos com tratamentos culturais pelos produtores da goiaba para consumo *in natura*.

As taxas de crescimento anuais, calculadas para o período de 1980-93, foram de 7,9% para o número total de pés, 20,12% para a produção de frutos e de 10,62% para o rendimento da cultura.

4.2 - Industrial

A goiaba "dentre as frutas tropicais destinadas à fabricação de doces é a que mais se destaca para este fim. Segundo dados do IBGE para 1980, a produção de doce de goiaba em pasta (goiabada) atingiu 75 mil toneladas, enquanto o doce de banana em pasta chegou a 23 mil toneladas e o doce de coco a 4 mil toneladas" (MAIA; GARCIA; LEITE, 1988).

Segundo AMARO (1986), "pode-se dividir a agroindústria de conservas em dois grandes grupos: a) o primeiro constituído de pequenas e médias empre-

sas cujas compras de matéria-prima são feitas pelos próprios donos, através de negócios diretos com os agricultores e fornecedores. Eventualmente, há um diretor ou gerente de compras que quase sempre é um parente ou tem participação acionária na empresa; b) o segundo grupo formado por grandes empresas e cujo suprimento de matérias-primas é organizado em departamentos especificamente destinados para esse fim."

Estudando a viabilidade técnica e econômica de uma linha de processamento de goiaba, manga e tomate, SENA (1988) determinou os custos de produção de polpa e goiabada para diferentes escalas de processamento. Para unidades processadoras de 0,5 t/h, 1,0 t/h, 2,5 t/h e 5,0 t/h, os custos calculados por aquele autor foram, respectivamente, de US\$0,22, US\$0,20, US\$0,17 e US\$0,15 por lata de 20 kg de polpa de goiaba, e de US\$0,54, US\$0,52, US\$0,49 e US\$0,48, respectivamente, por lata de 700 g de goiabada.

Os custos de produção de polpa de goiaba e goiabada para uma unidade com capacidade de processamento de 1 t/h de goiaba, trabalhando 488 horas durante a safra e produzindo 13.725 latas de 20 kg de polpa de goiaba e 91.500 latas de 700 g de goiabada são apresentados na tabela 4.

Quanto à polpa, o principal item de custo é a goiaba, participando com 48% do custo total de produção de polpa, seguida pelos outros insumos (mão-de-obra, energia e outros), com 31%, e pelas embalagens, com 20%. Quanto à goiabada, o principal item de custo é a embalagem (latas e caixas de papelão), participando com 46,7% do custo total de produção de goiabada, seguida pelo açúcar, com 22%, e pela goiaba, com apenas 19% (Tabela 4).

5 - DINÂMICA DOS PREÇOS PRATICADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO

As séries analisadas englobam preços praticados em nível de produtor, de atacado e de varejo. Coletaram-se ainda preços no atacado de insumos básicos, como o açúcar cristal (essencial no preparo da goiabada). Concomitantemente, foram efetuadas análises estatísticas visando captar tendências.

TABELA 2 - Número de Pés, Produção e Rendimento de Goiaba para Indústria, Estado de São Paulo, 1980/81, 1985/86, 1990/91, 1991/92 e 1992/93

Safr	Pés plantados (1.000 pés)			Produção (t)	Rendimento (kg/pé)
	Novos	Produção	Total		
1980/81	100	520	620	42.190	81,13
1985/86	70	620	690	42.250	68,15
1990/91	93	588	681	41.577	70,71
1991/92	82	546	628	38.779	71,02
1992/93	99	537	636	39.407	73,38

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (1970-93).

TABELA 3 - Número de Pés, Produção e Rendimento de Goiaba para Mesa, Estado de São Paulo, 1980/81, 1985/86, 1990/91, 1991/92 e 1992/93

Safr	Pés plantados (1.000 pés)			Produção (1.000 cx.) ¹	Rendimento (cx./pé)
	Novos	Produção	Total		
1980/81	20	80	100	1.330	16,63
1985/86	20	130	150	1.920	14,77
1990/91	29	230	259	8.547	37,16
1991/92	27	193	220	6.101	31,61
1992/93	30	202	232	6.125	30,32

¹Caixas de 3,5 quilos.

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (1970-93).

TABELA 4 - Custo de Produção de Polpa de Goiaba e Goiabada para a Unidade com Capacidade de Processamento de 1 t/h de Goiaba, Brasil, 1988

Item	Polpa de goiaba		Goiabada	
	Quantidade	Custo total (US\$)	Quantidade	Custo total (US\$)
Goiaba (t)	366	25.620	122	8.540
Água (m ³)	3.660	403	1.220	159
Lata (u.)	13.725	10.705	91.500	20.130
Caixa de papelão	-	-	2.541	1.728
Açúcar (t)	-	-	45,75	10.522
Outros ¹	-	16.774	-	5.591
Total (US\$)	-	53.502	-	46.670
US\$/kg	-	0,20	-	0,52

¹Mão-de-obra, energia etc.

Fonte: SENA (1988).

5.1 - Goiaba para Consumo *in Natura*

Segundo MAIA; GARCIA; LEITE (1988) a goiaba para consumo *in natura* é comercializada principalmente através da CEAGESP, acondicionada em caixeta de 3,7 kg.

Os preços recebidos pelos produtores pela goiaba para consumo *in natura*, segundo dados do IEA deflacionados pelo IPP-IEA, apresentaram taxa de crescimento negativa e equivalente a 4,03% ao ano no período de 1978 a 1989 (Tabela 5).

Os preços praticados no atacado para a goiaba para consumo *in natura*, segundo dados da CEAGESP (BOLETIM ANUAL, 1980-92 e BOLETIM MENSAL, 1993) deflacionados pelo IPC-FIPE, não apresentaram tendência definida ao nível de 10% de significância.

5.2 - Goiaba para Processamento Industrial

Apesar da atuação do Comitê de Agroin-

dústria da SAA, muitos canais de comercialização externos ao controle deste comitê subsistem, tornando o mercado da goiaba para processamento industrial, freqüentemente, independente dos acordos de normas e preços daquele foro. Alguns fatores interferentes são: a aquisição de goiaba de agricultores de Minas Gerais; a não assinatura de contratos individuais; pequenas indústrias não participantes do comitê adquirem matéria-prima transformando-a em polpa e re-vendendo-a às grandes empresas; acordos baseados em expectativas de preços irrealistas; e supersafras ou que-bras de safras.

A goiaba para processamento agroindustrial, ao entrar no pátio da indústria processadora, passa por um processo de avaliação, sendo classificada em extra, especial, *standart* e utilizável, de acordo com a freqüência de ocorrência de defeitos graves. São defeitos graves o fruto verde, passado, podre e/ou contaminado.

Inexistem dados sobre os preços recebidos pelo agricultor, assim, optou-se pela utilização dos preços de acordo estabelecidos entre representantes

TABELA 5 - Taxa de Crescimento Anual dos Preços de Goiaba, Goiabada e Açúcar Cristal, Estado de São Paulo, 1970-94

Item	Mercado	Período	Taxa (%)	Significância
Goiaba p/mesa	FOB-roça	1978-89	-4,03	1,0
Goiaba p/indústria	FOB-roça	1976-94	-3,95	1,0
Goiabada	Varejo	1974-93	4,51	0,1
Açúcar cristal	Atacado	1970-93	-1,95	2,0

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (1970-93) e COMPANHIA (1994).

das indústrias e dos produtores registrados nas atas e contratos do Comitê da Agroindústria (goiaba *standard*). Os preços acordados para goiaba para processamento industrial, FOB-roça, deflacionados pelo IPP-IEA e corrigidos pelo prazo de pagamento e pelos meses de safra, apresentaram taxa anual de crescimento de -3,95% no período de 1976 a 1994. Observa-se que a taxa anual de crescimento do subperíodo 1986-93 foi de -9,11%, indicando que os preços declinaram mais acentuadamente neste subperíodo (Tabela 5).

5.3 - Goiabada

O preço da goiabada, segundo dados do IEA, que representam o preço da lata de 700 g de goiabada no município de São Paulo, deflacionado pelo IPC-FIPE, apresentou taxa anual de crescimento de 4,51% (Tabela 5). Sendo a goiabada um produto não perecível, a análise da variação estacional dos preços praticados mostra perfeita estabilidade ao longo do ano (AMARO, 1986).

5.4 - Inter-relações

A análise das inter-relações dos preços nominais da goiabada com os da goiaba para proces-

samento industrial revela a evolução da margem de industrialização/distribuição. Observou-se que a razão de equivalência entre o preço da goiabada no varejo e o preço recebido pelo produtor pela goiaba para processamento industrial, FOB-roça, apesar das grandes oscilações verificadas, manteve constância em longo prazo, ou seja, uma lata de 700 g de goiabada vale em torno de 20 kg de goiaba para processamento industrial, não sendo possível visualizar uma tendência definida de crescimento ou decréscimo (Figura 3).

6 - DINÂMICA DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

As exportações brasileiras de goiaba e derivados demonstraram grande instabilidade quanto às variações de quantidade exportada e preço médio. O principal item da pauta de exportações do setor é o "doce, purê e pasta de goiaba" (principalmente goiabada), que participa de dois terços a três quartos do valor exportado. Em 1992, por exemplo, de um total exportado pelo setor de US\$3,5 milhões, US\$2,6 milhões referiram-se a "doce, purê e pasta", US\$600 mil ao suco, US\$146 mil à compota (*marmelade*) e apenas US\$138 mil à goiaba *in natura*.

A quantidade exportada cresceu ao longo das últimas duas décadas principalmente em função

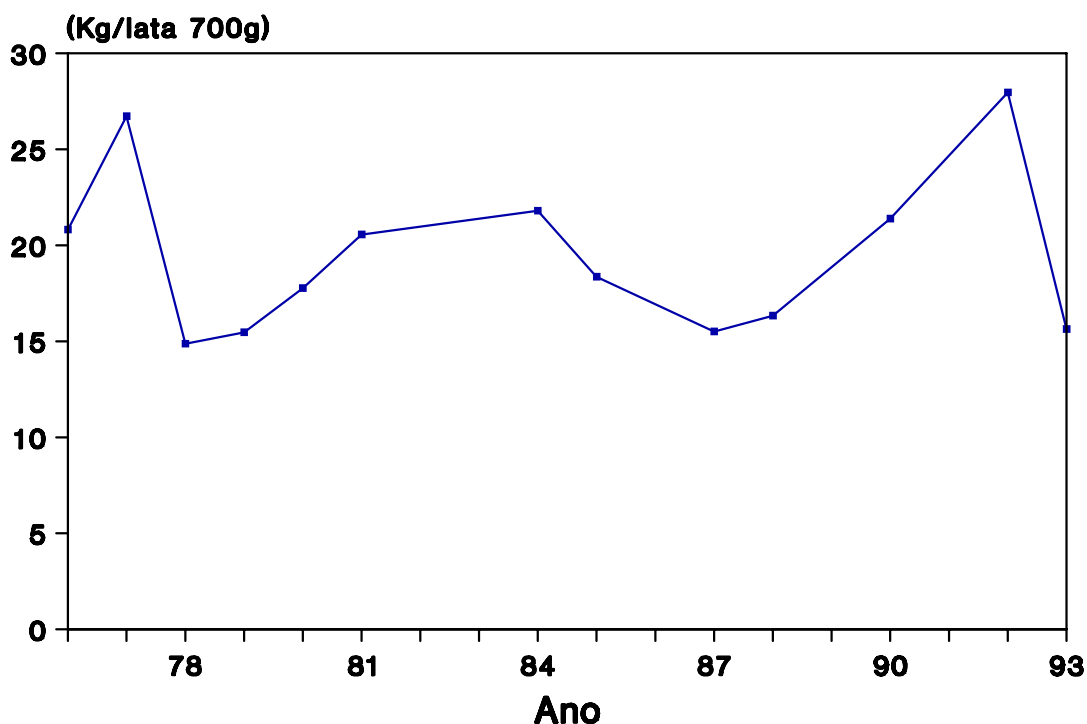


FIGURA 3 - Razão de Equivalência, Goiaba/Goiabada, 1976-93.
Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (1970-93).

do crescimento das exportações de "doce, purê e pasta". Para o período de 1980 a 1992, a taxa de crescimento do valor exportado pelo setor (goiaba *in natura* e derivados) foi de 6,07%. As quantidades exportadas e os preços recebidos por cada item da pauta de exportações do setor são analisados nas seções seguintes e apresentados na tabela 6.

6.1 - Doce, Purê e Pasta de Goiaba

As exportações de doce, purê e pasta de goiaba (N.B.M.20.07.99.03.04), constituídas principalmente por goiabada, têm demonstrado significativo crescimento nos últimos dez a quinze anos. A taxa de

crescimento anual da quantidade exportada foi de 4,97%, no período de 1980 a 1992. O preço médio das exportações de doce, purê e pasta de goiaba demonstra suave movimento ascendente no mesmo período, implicando numa taxa de crescimento de 1,82%.

Os principais clientes são Porto Rico, Angola e Estados Unidos, que em 1992 importaram, respectivamente: 1.282,18, 720,11 e 636,33 de um total de 3.294 toneladas. A assinatura do acordo do Mercado Comum do Cone Sul (MERCOSUL) foi acompanhada de um crescimento muito acentuado das importações de goiabada brasileira pelos países-membros, que passaram de 70,80 toneladas em 1991 para 302,53 toneladas em 1992.

TABELA 6 - Taxa de Crescimento Anual das Quantidades e dos Preços de Purê e Pasta, Suco e Goiaba *in Natura*, Estado de São Paulo, 1980-92

Item	(em %)			
	Quantidade		Preço	
	Taxa	Significância	Taxa	Significância
Purê e pasta	4,97	5	1,82	10,0
Suco	31,84	10	-3,76	8,2
Goiaba	8,94	10	-3,67	0,2

Fonte: COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL (1989-92).

6.2 - Suco de Goiaba

A quantidade exportada de suco de goiaba (N.B.M.20.09.80.01.03), o segundo item em valor, foi recorde em 1982 e, logo em seguida, reduziu-se a níveis mínimos em 1984 e 1985. A partir de 1989 observou-se estabilidade entre 600 e 800 toneladas. A taxa de crescimento anual calculada foi de 31,84%. O preço médio praticado vem apresentando declínio ao longo do período estudado, observando-se uma taxa média geométrica de -3,76%.

Os principais clientes são os Estados Unidos, importadores de quase 90% das exportações brasileiras de suco de goiaba, e os Países Baixos.

6.3 - Compota de Goiaba

As quantidades exportadas de compota de goiaba (*marmelades* ou N.B.M.20.07.99.01.03) apresentaram grande variação no período estudado, não sendo possível visualizar nenhuma tendência definida. Os preços praticados apresentaram estabilidade até 1988, decrescendo de 1988 a 1990 e aumentando de 1990 a 1992, também sem tendência definida.

Os principais clientes são os Estados Unidos, importadores de 80%, em média, das exportações brasileiras, Porto Rico e o MERCOSUL.

6.4 - Goiaba *in Natura*

As exportações brasileiras de goiaba *in natura* (N.B.M.08.04.50.01.00) aumentaram entre 1980 e 1992 a uma taxa anual de 8,94% (nível de significância muito alto, 10%). O preço médio das exportações de goiaba foi crescente até 1982, decrescendo até 1985 e estabilizando-se a partir de então. A taxa de crescimento anual calculada para o período de 1980 a 1992 foi de 3,67%.

Os principais clientes são França, Canadá, Reino Unido e Alemanha, que em 1992 importaram, respectivamente, 48,63 toneladas, 24,50 toneladas, 19,41 toneladas e 18,13 toneladas de um total de 152,47 toneladas. A assinatura do acordo do MERCOSUL não influenciou a quantidade importada de goiaba brasileira pelos países-membros.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento bibliográfico demonstrou a ausência de estudos completos e recentes sobre o mercado de goiaba. Registra-se que as estatísticas da Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) da Fundação IBGE não diferenciam goiaba para consumo *in natura* da goiaba para processamento industrial.

Observou-se que a produção de goiaba no Estado de São Paulo concentra-se em poucos municípios e nos estabelecimentos de área total menor que 50

hectares. A goiaba para consumo *in natura* é produzida em Mirandópolis, no extremo noroeste do Estado de São Paulo, e a goiaba para processamento industrial nos municípios de Itápolis, Monte Alto, Taquaritinga e circunvizinhos.

Na década de 80, enquanto a produção, número de pés e plantio de pés novos mantiveram-se estáveis para a goiaba para processamento industrial, cresceram para a goiaba para consumo *in natura*. Quanto ao rendimento, foi decrescente no primeiro caso e crescente no segundo.

Na década de 90, as evoluções da produção de goiaba, do número de pés, do plantio de pés novos e do rendimento encontram-se estáveis para os dois diferentes cultivos.

A evolução dos preços recebidos tanto pela goiaba para consumo *in natura* quanto pela goiaba para processamento industrial não acompanharam a evolução dos preços dos insumos agrícolas (medida pelo IPP-IEA). Quanto à evolução do preço da goiabada no varejo, verificou-se tendência crescente no período analisado, quando corrigida pelo IPC-FIPE.

A participação da goiaba no custo de produção de polpa de goiaba e goiabada representa, respectivamente, 50% e 19%. No caso da goiabada, itens como açúcar cristal e embalagens perfazem ao redor de 70% do custo total de produção.

Verificou-se que o valor das exportações do setor cresceu a uma taxa anual de 6,07% entre 1980 e 1992, sendo majoritariamente compostas pelo item "doce, purê e pasta de goiaba". Com a criação do MERCOSUL observou-se crescimento relativo das exportações desse item para os países signatários do acordo.

LITERATURA CITADA

- AMARO, Antonio A. Aspectos econômicos. In: PEREIRA, F. M. & MARTINEZ JÚNIOR, M. **Goiabas para industrialização**. Jaboticabal, UNESP, 1986. p.22-41
- BOLETIM ANUAL, 1980-92. São Paulo, CEA-GESP, 1980-92.
- BOLETIM MENSAL. São Paulo, CEAGESP, 1993.
- CENSO AGROPECUÁRIO, 1985. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1985.
- COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL: exportação. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, CACEX, 1970-88.
- COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL: exportação. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, DECEX, 1989-92.
- COMPANHIA UNIÃO DE PRODUTORES DE AÇÚCAR E ÁLCOOL. **Preço do açúcar cristal no atacado, 1970-1993, deflacionado pelo IGP da FGV**. São Paulo, UNIÃO, 1994. não publ.
- INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. **Banco de dados do IEA**. São Paulo, IEA, 1970-93.
- MAIA, Maria L.; GARCIA, Ana Elisa B.; LEITE, Rosângela S. da S. F. Aspectos econômicos da produção e mercado. In: MEDINA, Júlio C. et alii. **Goiaba: cultura, matéria-prima, processamento e aspectos econômicos**. 2.ed. rev. e ampl. Campinas, ITAL, 1988. p.177-224. (Frutas Tropicais, 6).
- NEGRI NETO, Afonso; COELHO, Paulo J.; MOREIRA, Irene R. O. Análise gráfica e taxa de crescimento. **Informações Econômicas**, SP, **23**(10):99-108, out. 1993.
- _____; _____. Cálculo da taxa de crescimento por meio de planilha eletrônica. , SP, **24**(4):27-38, abr. 1994.
- PESQUISA AGRÍCOLA MUNICIPAL, 1988-92. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1988-92.
- SENA, Wagner Z. **Economias de escala no processamento de frutas e hortaliças: uma análise da viabilidade de implantação de agroindústrias de pequeno porte em áreas rurais**. Viçosa, Universidade Federal, 1988. 109p. (Dissertação de Mestrado).

ESTRUTURA E DINÂMICA DO MERCADO DE GOIABA E DERIVADOS

SINOPSE: O agronegócio da goiaba articula um segmento agroindustrial em que grandes empresas de produtos alimentares atuam. Entretanto, nota-se a ausência de estudos completos sobre esse mercado. Este trabalho teve por objetivo analisar a estrutura e a dinâmica do mercado de goiaba e derivados, visando suprir os agentes econômicos, envolvidos nessa atividade, de informações recentes de desempenho do setor no Brasil e, especificamente, no Estado de São Paulo.

Palavras-chave: goiaba, agronegócio de goiaba, derivados da goiaba.

GUAVA AND BY-PRODUCTS MARKET STRUCTURE AND DYNAMIC

ABSTRACT: The guava agribusiness articulates an industrial segment where great food enterprises perform. However, it is noticed a lack of studies about this market. The purpose of this study is to analyse guava and by-products market structure and dynamic also providing recent information about the performing of this activity to economic agents involved with it in Brazil and State of São Paulo.

Key-words: guava, guava agribusiness, guava products.